

FORTELECIMENTO DO VÍNCULO FAMÍLIA-ESCOLA: ESTRATÉGIAS PARA UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL NO ENSINO FUNDAMENTAL

STRENGTHENING THE FAMILY-SCHOOL BOND: STRATEGIES FOR HOLISTIC EDUCATION IN ELEMENTARY SCHOOL

FORTELECIMIENTO DEL VÍNCULO FAMILIA-ESCUELA: ESTRATEGIAS PARA UNA EDUCACIÓN INTEGRAL EN LA EDUCACIÓN PRIMARIA

Alzira Veiga Martins Grando¹

RESUMO: Esse artigo buscou analisar as estratégias adotadas pelas escolas de Ensino Fundamental para fortalecer o vínculo com as famílias, promovendo uma educação mais integral e participativa. Com base em uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, foram examinadas produções acadêmicas, legislações educacionais e documentos oficiais que tratam da importância da participação da família no contexto escolar. Os resultados apontam que, embora existam políticas públicas que incentivem essa aproximação, ainda persistem barreiras estruturais, culturais e comunicacionais que dificultam a construção de uma parceria efetiva entre escola e família. No entanto, a literatura aponta caminhos possíveis, como a formação continuada dos docentes, o investimento em canais de escuta ativa e a valorização do conhecimento comunitário. Conclui-se que o fortalecimento desse vínculo não depende apenas de ações pontuais, mas de uma cultura institucional que reconheça a família como sujeito educativo e corresponsável pelo processo de aprendizagem dos estudantes.

1244

Palavras-chave: Família. Escola. Educação Integral.

ABSTRACT: This article aimed to analyze the strategies adopted by elementary schools to strengthen ties with families, promoting a more integral and participatory education. Based on a qualitative bibliographic research, academic productions, educational legislation, and official documents addressing the importance of family participation in the school context were examined. The results show that although there are public policies encouraging this approach, structural, cultural, and communication barriers still hinder the construction of an effective school-family partnership. However, the literature points to possible paths, such as continued teacher training, investment in active listening channels, and valuing community knowledge. It is concluded that strengthening this bond does not depend solely on isolated actions, but on an institutional culture that recognizes the family as an educational subject and co-responsible for the students' learning process.

Keywords: Family. School. Integral Education.

¹ Mestra em Formação de Professores pela UNEATLANTICO.

RESUMEN: Este artículo tuvo como objetivo analizar las estrategias adoptadas por las escuelas de educación primaria para fortalecer los lazos con las familias, promoviendo una educación más integral y participativa. Basado en una investigación bibliográfica de enfoque cualitativo, se examinaron producciones académicas, legislación educativa y documentos oficiales que abordan la importancia de la participación de la familia en el contexto escolar. Los resultados muestran que, aunque existen políticas públicas que fomentan este acercamiento, aún persisten barreras estructurales, culturales y comunicacionales que dificultan la construcción de una asociación efectiva entre escuela y familia. Sin embargo, la literatura señala caminos posibles, como la formación continua de los docentes, la inversión en canales de escucha activa y la valorización del conocimiento comunitario. Se concluye que fortalecer este vínculo no depende únicamente de acciones aisladas, sino de una cultura institucional que reconozca a la familia como sujeto educativo y corresponsable del proceso de aprendizaje de los estudiantes.

Palabras clave: Familia. Escuela. Educación Integral.

INTRODUÇÃO

A relação entre a família e a escola constitui um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento integral dos estudantes, especialmente durante o Ensino Fundamental, etapa em que se formam não apenas os saberes acadêmicos, mas também os valores, as emoções e os vínculos sociais. Neste contexto, o fortalecimento do vínculo família-escola emerge como uma necessidade urgente diante das demandas da contemporaneidade, que exigem uma educação mais sensível, participativa e colaborativa. A escola não pode mais ser vista como um espaço isolado de formação, tampouco a família como mera coadjuvante no processo educativo.

1245

Ao longo dos anos, diferentes estudos têm apontado que a participação familiar impacta positivamente no rendimento escolar, na autoestima dos estudantes e na construção de ambientes educativos mais acolhedores (Oliveira, 2021). No entanto, esse envolvimento ainda enfrenta obstáculos significativos, como a falta de diálogo entre os atores envolvidos, a sobrecarga das famílias, a distância cultural entre escola e comunidade e a ausência de políticas públicas que favoreçam essa aproximação (Silva & Andrade, 2020). Esses desafios escancaram a urgência de estratégias que promovam o engajamento das famílias de forma contínua, respeitosa e transformadora.

Este estudo tem como objetivo principal refletir sobre estratégias que possam fortalecer o vínculo entre família e escola, contribuindo para uma educação integral no Ensino Fundamental. Parte-se da compreensão de que a escola sozinha não dá conta de todas as demandas que chegam aos seus muros. É preciso construir pontes com as famílias, promover escuta ativa, valorizar os saberes da comunidade e apostar em uma prática pedagógica que reconheça os sujeitos em sua complexidade (Ribeiro, 2022). A educação integral, nesse sentido,

não se restringe ao tempo estendido ou ao currículo ampliado, mas à construção de relações significativas que alimentam o processo de ensinar e aprender.

A justificativa para este trabalho repousa na urgência de repensar os modos como a escola se relaciona com as famílias. Muitas vezes, a presença familiar é restrita a reuniões pontuais ou situações de conflito, o que reforça uma lógica de afastamento e de desconfiança mútua. Reverter esse quadro exige um olhar cuidadoso sobre as práticas escolares e sobre a cultura institucional que, por vezes, não reconhece a família como parte legítima do processo educativo. Fortalecer esse vínculo é apostar na corresponsabilidade e na construção de um projeto educativo mais justo e humano.

Por fim, este artigo se organiza em torno de uma revisão bibliográfica que busca compreender os entraves e possibilidades dessa parceria, apresentando resultados e discussões fundamentadas em autores da área da educação e em documentos oficiais. O que se pretende, acima de tudo, é lançar luz sobre experiências, reflexões e caminhos possíveis para uma atuação escolar mais aberta, inclusiva e dialógica, na qual a família não seja apenas convidada a participar, mas efetivamente ouvida, acolhida e reconhecida como parte essencial da jornada educativa dos alunos.

MÉTODOS

1246

Este estudo tem natureza qualitativa, de caráter exploratório, e foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica, com o intuito de analisar a produção acadêmica que trata do vínculo entre família e escola no Ensino Fundamental. A escolha por essa abordagem se justifica pela riqueza de análises teóricas e práticas que emergem da literatura sobre o tema, possibilitando compreender como essa parceria tem sido construída, tensionada e ressignificada ao longo dos anos.

A metodologia bibliográfica, segundo Gil (2017), consiste no exame de obras já publicadas, como livros, artigos científicos, dissertações e documentos oficiais, permitindo ao pesquisador aprofundar-se nas discussões existentes e identificar lacunas ou contribuições relevantes para o campo. Para tanto, foram selecionados materiais publicados nos últimos cinco anos, com prioridade para textos disponíveis em português e em acesso aberto, com foco em autores da área da Educação, da Sociologia da Infância, da Pedagogia Crítica e das Políticas Públicas Educacionais.

A coleta de dados foi realizada em bases eletrônicas como SciELO, Google Acadêmico, CAPES Periódicos e ERIC, utilizando os seguintes descritores combinados: “família e escola”,

“educação integral”, “parceria educativa”, “participação familiar” e “Ensino Fundamental”. Os critérios de inclusão abrangeram estudos publicados entre 2018 e 2024, que apresentassem reflexões teóricas e/ou relatos de experiências relacionadas ao fortalecimento do vínculo entre a escola e as famílias.

Após a triagem inicial, os textos foram organizados por afinidade temática e analisados à luz da abordagem qualitativa, com foco na identificação de barreiras, estratégias práticas e propostas formativas que promovam uma relação mais colaborativa entre os sujeitos envolvidos no processo educativo. A análise ocorreu por meio da leitura reflexiva e categorização dos conteúdos, considerando o contexto, os autores e as contribuições específicas de cada publicação selecionada.

É importante destacar que, por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, não houve envolvimento direto com sujeitos humanos, o que dispensa apreciação por comitê de ética. Ainda assim, todas as fontes utilizadas foram citadas conforme as normas da ABNT, assegurando a integridade acadêmica e o respeito à produção científica que sustenta este estudo. Essa metodologia permitiu construir um panorama abrangente e sensível sobre o tema, respeitando a pluralidade de vozes e experiências que atravessam a relação entre família e escola no cotidiano escolar.

1247

RESULTADOS

A análise da produção bibliográfica revelou que o fortalecimento da parceria entre família e escola continua sendo um dos grandes desafios da educação pública brasileira, especialmente no contexto do Ensino Fundamental. Apesar de os documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Projetos Políticos-Pedagógicos (PPPs), reforçarem a importância do envolvimento da comunidade no processo educacional, a realidade cotidiana das escolas ainda aponta para relações marcadas por distanciamentos, ruídos de comunicação e uma visão muitas vezes limitada sobre o papel das famílias. Segundo Oliveira (2020), a escola frequentemente se posiciona como detentora do saber, atribuindo às famílias uma função secundária, o que contribui para a manutenção de uma relação verticalizada e pouco dialógica, dificultando a construção de uma educação realmente integral.

Paro (2016) alerta que, historicamente, a escola assumiu uma postura de autoridade frente à família, desconsiderando os saberes construídos no ambiente doméstico e tratando a participação familiar como mera obrigação burocrática. Isso tem impacto direto sobre a forma como os pais e responsáveis percebem seu lugar na instituição, muitas vezes se sentindo

intimidados ou desvalorizados. O afastamento não é, portanto, fruto da desatenção das famílias, mas da ausência de estratégias genuínas de acolhimento, escuta e corresponsabilidade. Libâneo (2022) reforça que a participação ativa das famílias só acontece quando existe uma política institucional clara que favorece esse envolvimento, indo além de reuniões esporádicas ou convocações formais.

A literatura também aponta que, quando há uma proposta intencional de estreitar os laços entre a escola e a família, os resultados são visivelmente positivos no cotidiano escolar e no desempenho dos estudantes. Vieira (2019) defende que práticas como rodas de conversa, oficinas temáticas e encontros culturais são recursos potentes para promover o sentimento de pertencimento entre os familiares, criando uma atmosfera mais receptiva e colaborativa. A escuta ativa, nesse sentido, aparece como uma das principais estratégias citadas nos estudos, pois permite que os profissionais da educação compreendam a realidade vivida pelas famílias, suas angústias, sonhos e expectativas em relação à formação dos filhos, construindo, assim, uma relação de confiança mútua.

Abramoway (2021) observa que, em escolas onde a escuta e o acolhimento são valorizados, há uma diminuição significativa de conflitos entre escola e comunidade. Isso porque os responsáveis passam a enxergar a instituição como um espaço aberto ao diálogo e ao cuidado, e não apenas como um lugar de cobranças e julgamentos. Esse movimento de aproximação influencia diretamente no comportamento dos estudantes, que percebem seus pais como participantes ativos do seu processo de aprendizagem, o que eleva sua autoestima e engajamento. A construção dessa ponte entre os espaços familiares e escolares, no entanto, demanda tempo, sensibilidade e uma mudança cultural dentro das instituições educacionais.

Outro ponto recorrente nas publicações analisadas refere-se às barreiras sociais e econômicas enfrentadas pelas famílias, que muitas vezes dificultam a sua presença física na escola. Fatores como múltiplas jornadas de trabalho, falta de transporte, dificuldade de acesso digital e até mesmo experiências negativas anteriores com o ambiente escolar contribuem para a ausência em reuniões e eventos. Silva e Oliveira (2018) destacam que é preciso compreender que a não presença não significa desinteresse, mas sim a necessidade de repensar os canais de comunicação e a flexibilidade das ações escolares, para que todos se sintam convidados e respeitados em sua condição de vida.

Costa e Barbosa (2021) chamam atenção para uma tendência perigosa de responsabilização unilateral das famílias frente aos problemas escolares. Muitas escolas, diante de dificuldades de aprendizagem ou questões de comportamento, transferem a culpa para os

responsáveis, ignorando os fatores estruturais e pedagógicos que também influenciam o processo. Esse tipo de postura, além de injusta, gera desmotivação e reforça estigmas, afastando ainda mais os familiares. É necessário, portanto, adotar uma postura mais empática e corresponsável, reconhecendo que o sucesso educacional depende de um esforço conjunto, com valorização das contribuições de cada ator envolvido.

As experiências exitosas identificadas na literatura destacam que, quando as escolas investem em uma cultura de gestão democrática e em ações contínuas de aproximação com as famílias, há uma mudança significativa na dinâmica institucional. A formação docente aparece, nesse sentido, como um ponto-chave. Lück (2018) afirma que muitos professores não se sentem preparados para lidar com a diversidade dos contextos familiares, o que evidencia a urgência de políticas de formação continuada que abordem temas como comunicação não violenta, escuta ativa, mediação de conflitos e estratégias de envolvimento comunitário. A formação precisa ir além da técnica, incluindo o desenvolvimento de habilidades relacionais e socioemocionais.

Outra prática bastante valorizada nos estudos é a promoção de eventos culturais e projetos que envolvam toda a comunidade escolar, como feiras, apresentações artísticas, oficinas interativas e projetos intergeracionais. Lima (2020) argumenta que esses momentos são oportunidades simbólicas de fortalecimento dos laços entre família e escola, pois rompem com a formalidade das reuniões tradicionais e criam espaços afetivos de troca. Além disso, essas ações permitem que os familiares compartilhem seus conhecimentos e talentos com os alunos e educadores, rompendo com a lógica da passividade e fortalecendo o reconhecimento mútuo.

1249

Freitas (2017) discute que a comunicação entre escola e família também precisa ser repensada. Muitas vezes, a linguagem utilizada nas comunicações escolares é técnica, distante e, por vezes, agressiva, o que dificulta o diálogo e gera insegurança nos responsáveis. A valorização de uma linguagem acessível, respeitosa e afetiva é fundamental para construir pontes reais de comunicação. Além disso, a frequência e a intencionalidade desses contatos devem ser planejadas: não se pode falar com os pais apenas quando surgem problemas. A construção de uma relação sólida exige presença, escuta e constância.

Souza e Martins (2020) reforçam que a participação familiar não deve ser medida apenas pela presença física na escola, mas também pela forma como os pais acompanham os estudos dos filhos em casa, dialogam sobre suas vivências escolares e demonstram interesse por seu desenvolvimento. Esse reconhecimento das múltiplas formas de envolvimento é essencial para evitar julgamentos e ampliar o conceito de participação. Além disso, é necessário que a escola

reconheça os saberes populares e os valores das famílias como parte do processo educativo, ampliando o horizonte do que se entende por currículo e aprendizagem.

A pandemia de Covid-19, conforme apontam Torres e Mendes (2022), teve um impacto paradoxal nessa relação: por um lado, a distância física imposta pelo isolamento social dificultou o contato direto; por outro, o uso de tecnologias digitais ampliou as possibilidades de comunicação, principalmente via grupos de mensagens, videoconferências e plataformas de acompanhamento. Muitas escolas perceberam que, mesmo com poucos recursos, era possível criar canais de diálogo mais diretos e frequentes, promovendo um novo modelo de proximidade, ainda que virtual. A permanência desses canais no pós-pandemia pode representar um ganho importante se bem utilizados.

A sensibilidade com que as escolas utilizaram as tecnologias foi um diferencial nos casos de maior sucesso. Ribeiro e Siqueira (2021) mostram que o simples envio de mensagens personalizadas, áudios explicativos ou vídeos curtos com orientações já promoviam uma aproximação significativa. O desafio, nesse contexto, está em garantir o acesso das famílias às tecnologias e, principalmente, em utilizar esses recursos com empatia e cuidado, respeitando os ritmos e a realidade de cada grupo familiar. A humanização das interações, mesmo no ambiente digital, foi essencial para manter o vínculo durante o período de ensino remoto.

1250

Ferreira (2019) destaca que o reconhecimento dos saberes das famílias é uma estratégia potente para promover a coeducação. Em projetos onde os pais foram convidados a falar sobre seus trabalhos, suas histórias de vida ou suas habilidades culturais, o ambiente escolar tornou-se mais afetivo e significativo para os alunos. Ao perceberem que seus responsáveis também têm algo a ensinar, as crianças passam a valorizar ainda mais a escola e a sentir-se pertencentes a esse espaço. Essa valorização simbólica tem reflexos profundos no processo de aprendizagem e na construção da identidade dos estudantes.

Para além das ações pontuais, os autores são unâimes ao afirmar que o fortalecimento da parceria família-escola precisa estar previsto e estruturado no Projeto Político-Pedagógico das instituições. Lima (2020) ressalta que, quando o envolvimento das famílias é tratado como prioridade institucional e não apenas como um evento eventual, as ações se tornam mais consistentes, planejadas e eficazes. Isso envolve o comprometimento de toda a equipe escolar e a definição de metas e estratégias específicas para esse fim.

Campos (2022) reforça que o trabalho com as famílias não pode ser individualizado ou delegado exclusivamente ao professor regente. É preciso que todos os membros da comunidade escolar — gestores, coordenadores, orientadores e demais funcionários — assumam a

corresponabilidade pela criação de um ambiente acolhedor e participativo. Quando essa lógica é incorporada ao cotidiano, o relacionamento se fortalece e os conflitos diminuem significativamente.

DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que a relação entre a escola e a família ainda é atravessada por muitos desafios históricos, culturais e estruturais. O afastamento entre esses dois universos, como revelado nos estudos analisados, não se dá por ausência de interesse, mas por uma série de fatores sociais que impedem a aproximação genuína. Como defende Paro (2016), a lógica tradicional da escola ainda perpetua relações hierárquicas com as famílias, o que dificulta a construção de uma verdadeira corresponsabilidade no processo educativo. Esse ponto exige atenção crítica, pois sem diálogo e reconhecimento mútuo, não há espaço para uma educação verdadeiramente integral.

Outro aspecto que merece destaque é a necessidade de repensar as formas de comunicação e escuta dentro do ambiente escolar. Muitos profissionais, por falta de formação adequada, ainda adotam posturas autoritárias ou técnicas de comunicação excludentes, afastando ainda mais os familiares. Libâneo (2022) pontua que a comunicação precisa ser compreendida como uma prática pedagógica fundamental, que se estabelece pela empatia e pela escuta ativa. Essa escuta, quando genuína, permite não apenas compreender o contexto da família, mas também promover ações pedagógicas mais sensíveis e contextualizadas.

A revisão bibliográfica também mostra que o envolvimento familiar vai muito além da presença em reuniões escolares. A valorização de outras formas de participação – como o apoio em casa, o acompanhamento da vida escolar e a presença afetiva – é essencial para uma nova concepção de parceria. Souza e Martins (2020) ressaltam que é urgente desconstruir o mito da “família ausente” e, em vez disso, identificar os diferentes modos de participação que já acontecem no cotidiano. A escola precisa ampliar sua visão e reconhecer que cada família colabora à sua maneira, dentro das possibilidades que a vida lhes impõe.

A questão da formação docente também se revela central para promover essa mudança de cultura institucional. Como apontam Lück (2018) e Vieira (2019), muitos professores saem da formação inicial sem qualquer preparo para dialogar com as famílias. A ausência de temas como mediação de conflitos, comunicação afetiva e práticas participativas nos cursos de licenciatura compromete a qualidade das relações escolares. A formação continuada, portanto,

1251

deve incluir tais dimensões humanas e relacionais, promovendo o desenvolvimento de competências socioemocionais tão fundamentais quanto os conhecimentos técnicos.

Vale destacar ainda que os resultados da pesquisa apontam com bastante ênfase para a importância de ações práticas que promovam a aproximação entre escola e comunidade. As atividades culturais, os encontros temáticos, as oficinas e projetos intergeracionais aparecem como estratégias eficazes para criar vínculos reais. Ferreira (2019) lembra que a escola precisa deixar de ser um espaço fechado em si mesmo e abrir-se à diversidade dos saberes familiares. Quando a escola acolhe a história, os talentos e a cultura da comunidade, ela transforma a si própria em um espaço mais afetivo e significativo para todos.

Outro ponto importante é a compreensão do impacto da desigualdade social nesse vínculo. Famílias em situação de vulnerabilidade enfrentam obstáculos reais para estarem presentes fisicamente na escola, como já destacam Silva e Oliveira (2018). Por isso, é preciso parar de julgar e começar a compreender. A escola deve criar alternativas inclusivas de comunicação e participação, respeitando os tempos, os recursos e os limites de cada família. Afinal, como lembra Oliveira (2020), participação não é sinônimo de presença física, mas de vínculo afetivo e compromisso com o processo de aprendizagem dos filhos.

O uso das tecnologias, especialmente durante e após a pandemia, se mostrou um recurso importante para manter e até estreitar os laços com os responsáveis. Mas essa mediação tecnológica precisa ser feita com cuidado, sem excluir aqueles que não têm acesso ou familiaridade com os meios digitais. Ribeiro e Siqueira (2021) afirmam que a tecnologia só é inclusiva quando pensada a partir das realidades concretas das famílias. Assim, é preciso combinar diferentes estratégias de contato e assegurar que ninguém fique de fora por falta de recursos.

Os dados também mostram que escolas que possuem uma política institucional clara de valorização da parceria com a família conseguem resultados mais consistentes na aprendizagem e no clima escolar. Lima (2020) reforça que o vínculo entre escola e família deve estar previsto no PPP como um dos pilares da ação pedagógica. Não pode ser tratado como algo secundário ou opcional. Essa perspectiva exige um trabalho coletivo, permanente e atravessado por valores como acolhimento, diálogo e empatia.

Outro ponto que se destaca é a importância de desnaturalizar a ideia de que a escola ensina e a família apenas acompanha. Essa dicotomia já não cabe mais na contemporaneidade. A educação precisa ser pensada como um processo co-construído, onde todos os atores têm algo a ensinar e aprender. Como destaca Campos (2022), a corresponsabilidade educativa é o

caminho mais coerente para enfrentar os desafios da escola pública hoje. E isso exige mudar posturas, rever práticas e, acima de tudo, humanizar os vínculos.

Por fim, a discussão mostra que fortalecer o vínculo entre família e escola é uma urgência para garantir uma educação mais justa, democrática e afetiva. Isso não se faz apenas com discursos, mas com ações cotidianas que valorizem as pessoas, suas histórias e seus saberes. É um caminho que exige esforço, sim, mas que gera frutos profundos: estudantes mais confiantes, famílias mais presentes e escolas mais vivas. E talvez, no fundo, seja disso que a educação mais precisa: de vínculos verdadeiros que sustentem a aprendizagem e a cidadania.

CONCLUSÃO

A reflexão construída ao longo deste artigo evidencia, de forma sensível e profunda, que o fortalecimento do vínculo entre a escola e a família não pode ser tratado como uma ação complementar, mas sim como um princípio estruturante da educação integral no Ensino Fundamental. Os resultados da pesquisa apontam que, embora haja iniciativas pontuais que busquem essa aproximação, ainda persistem barreiras culturais, estruturais e relacionais que dificultam uma verdadeira parceria entre esses dois espaços fundamentais na vida das crianças. É preciso compreender que a corresponsabilidade educativa não se constrói apenas com convites a reuniões ou entregas de boletins, mas por meio de vínculos afetivos, escuta genuína e ações concretas de aproximação.

1253

Ao analisar as contribuições teóricas e práticas da literatura atual sobre o tema, ficou evidente que a formação docente desempenha um papel central nesse processo. Sem uma preparação adequada, que contemple o diálogo com as famílias como dimensão pedagógica essencial, os professores tendem a reproduzir posturas distantes e técnicas, o que fragiliza a confiança e o envolvimento das famílias. Assim, torna-se urgente que a formação inicial e continuada valorize o desenvolvimento de competências socioemocionais, de comunicação empática e de mediação de conflitos. A escuta sensível, a construção de relações horizontais e o reconhecimento dos saberes familiares são atitudes que transformam a escola em um espaço mais humano, democrático e inclusivo.

Outro ponto relevante da análise foi o papel das ações práticas e simbólicas que podem ser promovidas pela gestão escolar para envolver as famílias. Projetos culturais, rodas de conversa, oficinas comunitárias, acolhimentos no início do ano letivo e comunicações mais afetivas são caminhos possíveis para estreitar laços e derrubar muros invisíveis. Tais estratégias, quando pensadas de forma planejada e coerente com o Projeto Político-Pedagógico

da escola, contribuem não apenas para melhorar a convivência escolar, mas também para potencializar os processos de ensino e aprendizagem. Afinal, estudantes que se sentem acolhidos em casa e na escola tendem a apresentar maior engajamento, motivação e autoestima.

Dante disso, conclui-se que o fortalecimento da parceria entre escola e família exige um compromisso coletivo, constante e sensível às múltiplas realidades que compõem o cenário educacional brasileiro. As políticas públicas educacionais precisam avançar nesse sentido, incentivando práticas democráticas de gestão escolar e garantindo formações que capacitem os profissionais a atuarem com mais empatia e escuta. Mais do que números e metas, a qualidade da educação se revela nas relações cotidianas que se tecem entre professores, estudantes e famílias — relações que precisam ser cuidadas, cultivadas e valorizadas como parte do processo educativo.

Portanto, este estudo reafirma que investir na construção de vínculos verdadeiros entre escola e família é investir na formação integral dos sujeitos, no fortalecimento da cidadania e na transformação da própria escola. Que cada gesto de acolhimento, cada escuta atenta e cada iniciativa de aproximação possam ser vistos como sementes lançadas no solo fértil da educação sementes que, com tempo, afeto e compromisso, geram frutos de aprendizagem, pertencimento e esperança.

1254

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Família e escola: uma parceria possível?** Brasília: UNESCO, 2016. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org>. Acesso em: 01 ago. 2025.

ALMEIDA, Cintia; LEITE, Eliane. **Escola e família: entre tensões e parcerias no processo educativo.** Revista Educação em Questão, v. 59, n. 65, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao>. Acesso em: 01 ago. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 01 ago. 2025.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática.** São Paulo: Cortez, 2022.

OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Cabral de. **Parceria escola e família: desafios para uma educação integral.** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 15, n. esp., p. 2013-2027, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana>. Acesso em: 01 ago. 2025.



PARO, Vitor Henrique. **Educação e democracia: o sentido da escola pública.** São Paulo: Cortez, 2016.

VIEIRA, Lígia Márcia Martins. **Participação da família na escola pública: tensões e possibilidades.** Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 13, n. 26, p. 465–480, 2019. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br>. Acesso em: 01 ago. 2025.